

Apresentação

JANETE MAGALHÃES CARVALHO
ROGER VITAL FRANÇA DE ANDRADE

OS CRESCENTES FLUXOS de informações, conhecimentos e linguagens que as diferentes redes na contemporaneidade – entendendo essas redes como conexões que se estabelecem entre computadores, pessoas, ideias, imagens, desejos etc. – têm suscitado uma infinidade de dispositivos que se apresentam aos sujeitos como novas forças-formas de manifestações e compartilhamentos de experiências sensíveis e vibráteis no plano individual e coletivo e, ao mesmo tempo, como exercício de cidadania e invenção de outros possíveis *dentrofora* do campo da educação, pois acreditamos estarmos a todo instante enredados.

Com essa aposta, as experimentações coletivas desencadeadas por este dossiê, visam fomentar, criar, conectar e estabelecer “zonas de comunalidade expansivas” (CARVALHO, 2009), fazendo com que, cada vez mais, intercâmbios, trocas, parcerias, interações entre sujeitos, instituições, perspectivas conceituais e com diferentes linguagens, sejam postas em circulação, valorizando as experiências plurais na educação em seus atravessamentos caóticos e fragmentados, como processualidades que nos acontecem, nos tocam e deixam suas marcas indeléveis (LAROSSA, 2002).

Considerando que a educação não é feita de uma única semiótica nem de uma única língua, os textos aqui compostos foram fabricados por discentes e docentes de diferentes instituições, transitando pelas/nas/com as linguagens do mundo do cinema e da literatura, do corpo e da música, da escrita e da leitura, das mídias, das

relações de ensino e aprendizagem, incitando assim, experimentações, relações comunicacionais e sensíveis em prol de novas comunalidades.

Nesse sentido, Jurjo Torres Santomé apresenta, em seu texto, elementos que apontam as potencialidades das redes sociais, demonstrando por meio de experiências sociais brotadas do plano de imanência como estas funcionam como poderosas ferramentas quando se trata da divulgação de informações, para gerar opinião e propor ações coletivas. As redes sociais, em geral, manifestam-se como recurso disparador de empoderamento dos cidadãos em espaços onde numerosos grupos alcançam maior visibilidade e divulgam os seus problemas, dificuldades e aspirações e, portanto, potencializam tanto campos organizados do conhecimento, em seus processos de socialização e produção, como avanços democráticos no campo social. Para este pesquisador espanhol, ao acessar as redes, as cidadãs e os cidadãos podem tornar-se um informante ou jornalista, podem narrar, opinar, levantar questões e propor alternativas com relação às questões que os preocupam.

Janete Magalhães Carvalho e Sandra Kretli da Silva, em *O cinema como linguagem potencializadora dos processos de aprender-ensinar*, a partir de problematizações decorrentes de processo de pesquisa com alunos de escolas públicas de ensino fundamental, utilizam o cinema para relacionar o tempo vivido, afetivo e percebido no cotidiano escolar com os conceitos de imagem-movimento e imagem-tempo em sua composição como clichês e como possíveis “cristais do tempo”. Tomam, como intercessores teóricos privilegiados, Bergson (2006) e Deleuze (1985, 1990). Defendem a ideia de que os usos de imagens-cinema, pelos alunos, ampliam os processos de invenções de outros/novos modos de aprender, pois as narrativas cinematográficas possibilitam desconstruir e deslocar os conhecimentos clichês petrificados nos cotidianos escolares, assim como movimentam o pensamento em busca de aberturas e possibilidades de novas/outras composições de estar escola.

Novas/outras composições são também experimentadas no tablado do artigo intitulado *Devir-música da escrita: experimentações de linguagens para uma leitura sensível em corpo-educação*, escrito-coreografado por Ana Lygia Vieira Schil da Veiga e Roger Vital França de Andrade, alimentando as possibilidades de uma escrita-dança próxima ao corpo sensível em educação, convidando o leitor a se mover, festejar junto, experimentar sentires outros rentes à leitura. Nessa festança, acontece uma escrita-música, um leitor-dança, um texto-festa, escrito usando letras de música para produzir na intensificação do corpo-leitor dançante, movimentos entre conceitos, pensares, sentidos, sentires. O que isso daria? Daria a pensar? Daria a bailar?

O que dizem as crianças: rascunhos, rasuras, traçados intensivos de imagens curriculares é uma composição-escrita de Ana Paula Patrocínio Holzmeister e Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni em que apresentam movimentos singulares de inscrição de si. Linguagens, expressões, intensidades, sonoridades, deslocamentos pelas superfícies de aderências, afetos, emoção, afecções que, dentre outros elementos, rascunham, na imanência dos encontros, imagens singulares de um currículo com a educação infantil, engendradas pelas forças intensivas do mundo que estão a vibrar e a rasurar modos habituais de conceber um currículo: rasuram uma imagem dogmática de um currículo que tende à prescrição. Apresentam ideias que ultrapassam a dimensão do cuidar e o educar por meio da brincadeira, pensamento restrito a um corpo orgânico.

Perguntando-se o que pode ocorrer nos encontros entre docência e infância nas experimentações com a leitura do livro *O Pequeno Príncipe* e do filme *O Balão Vermelho*, o texto *Encontros entre literatura e cinema e pensamentos: artes da existência na produção curricular*, de Dulcimar Pereira e Larissa Ferreira Rodrigues Gomes, fecha este dossiê. O artigo é uma tentativa de dialogar acerca desses encontros na composição dos currículos escolares com professoras e crianças que inventam e se reinventam entre linhas molares, moleculares e de fuga, cartografando sentidos nos movimentos de *aprenderensinaraprender*.

REFERÊNCIAS

- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan. 2002.
- CARVALHO, J. M. *O cotidiano escolar como comunidade de afetos*. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.